

O QUE É SER ATIVO HOJE? MOBILIDADE ININTERRUPTA, LIBERDADE E RISCO

Daniele Pires de Castro

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e
Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro*
danielepcastro@gmail.com

A disseminação da mentalidade empresarial nos leva a assumir a condição de indivíduos continuamente ativos e autônomos (ou proativos), capazes de gerir de maneira competente sua própria vida. Tendo em vista esse contexto, o objetivo deste artigo é investigar o que significa ser ativo na atualidade e qual a concepção de ação e que tipo de experiência de liberdade se manifestam sob essa perspectiva. A partir de textos de autores críticos da condição contemporânea, buscamos respostas para tais questionamentos, e concluímos que a mobilidade tornou-se um processo “autoengendrável” no qual o mais importante é a contínua progressão em direção a objetivos sempre superáveis. A ação instrumentalizada torna-se o eixo sobre o qual a atividade é implementada, afastando a imprevisibilidade do horizonte e substituindo o inesperado pelo projeto.

Palavras-chave: Atividade. Liberdade. Risco.

1. IMPERATIVO DA MOBILIDADE EM UM MUNDO DE EMPREENDEDORES

No ensaio *Mobilization of the planet from the spirit of self-intensification*, Peter Sloterdijk desenvolve a ideia de que a modernidade e a construção do sujeito moderno fundaram-se sobre um certo modelo de mobilidade que tem como modo específico de realização e existência uma ética baseada na noção de avanço, que é uma forma singular de expressão do movimento. A progressão é apenas umas das formas possíveis em um rol de maneiras distintas de manifestação do movimento e se relaciona com uma forma específica de se compreender também o tempo: como uma linha que conecta passado e futuro em uma série de eventos que não se repetem ou retornam. A temporalidade irreversível é conferida a todos individualmente, sendo cada vida compreendida como uma sucessão de épocas, uma jornada particular. No entanto, além da irreversibilidade, a mobilidade de nossos dias é também evolutiva, no sentido de que deve levar sempre a uma melhoria, e

sendo preciso eliminar os limites ao movimento a partir da presunção de que não deve existir descanso enquanto o melhor não for atingido (Sloterdijk, 2009, p. 37). Apesar de esse “melhor” buscado aparentemente constituir-se como um objetivo, o movimento baseado na ideia de avanço não visa a ir apenas de um ponto A a um ponto B. O “melhor”, o ponto B, é em si mesmo um objetivo movente, também em progresso. Segundo Zygmund Bauman (e essa talvez seja uma percepção compartilhada por muitos de nós), os objetivos perdem sua atração e potencial de satisfação no momento de sua realização, senão antes. Assim, ressalta esse autor, movemo-nos e continuamos nos movendo por causa da impossibilidade de se atingir a satisfação: a linha de chegada do esforço e o momento da autocongratulação movem-se rápido demais e a consumação permanece sempre no futuro (Bauman, 2001, p. 37) Para os indivíduos imersos nessa lógica de funcionamento da vida, a sensação constante é a de nunca terminar nada.

O consumo, exemplo citado por Bauman, ilustra bem essa busca infinita pelo melhor sempre superável. “As receitas para a boa vida”, afirma, “e os utensílios que a elas servem têm 'data de validade', mas muitos cairão em desuso bem antes dessa data, apequenados, desvalorizados e destituídos de fascínio pela competição de oferta 'novas e aperfeiçoadas’”. O filósofo caracteriza assim o que chama de “corrida dos consumidores”, aquela em que não há algum prêmio à espera de poucos que cruzam a linha de chegada, mas em que a linha de chegada se move de maneira mais veloz que o mais veloz dos corredores. A satisfação de permanecer na corrida, e não o prêmio em si, se torna então o verdadeiro vício e o desejo se torna seu próprio propósito (Bauman, 2001, p. 86). Ele finaliza categórica e precisamente: “tudo numa sociedade de consumo é uma questão de escolha, exceto a compulsão da escolha” (Bauman, 2001, p. 87). Muito além do consumo, em vários âmbitos da vida, desenvolve-se uma permanente e interminável busca, como a formação, a carreira, a saúde e a beleza corporal, por exemplo. O desejo de superação constante erige-se sobre um *horizonte de padrões inalcançáveis* (Ferraz, 2014, p. 05), que submetem singularidades individuais a um crivo geral de avaliação, “em que se comparam, se quantificam e se qualificam competências” (Gil apud Ferraz, 2014, p. 06).

Assim, o movimento adquire uma natureza cuja característica principal é a retroalimentação do próprio movimento. O primeiro passo dado com vistas ao avanço, explica Sloterdijk, não é aquele que nos colocará em direção a um objetivo fixo, mas é o

encadeador de uma série de novos passos, em um tipo de movimento que se autoalimenta. O imperativo ético da modernidade é, portanto, a mobilidade autojustificável promovida pela ideia de continuidade e intensificação. Funcionar segundo essa ética quer dizer, portanto, operar em uma engrenagem infinita de movimento, gerada e mantida por uma força de autoiniciativa e motivação, na qual não se trata então apenas de avançar, mas de permanecer avançando, gerando novas cadeias de ações, buscando continuamente melhorias, e lutando contra as forças que tentam interromper ou atralhar tal mobilização. Segundo Bauman, ser moderno significa, hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. Reside aqui uma diferença elementar em relação aos projetos lineares de construção de um modelo perfeito e universal de sociedade, em consonância com ideais desenvolvidos no interior de ideologias específicas da modernidade, como o humanismo iluminista ou o marxismo. A proliferação de uma diversidade de destinos que constantemente se sobrepõem permite o surgimento de um tipo de mobilidade que não está orientada para um único projeto de futuro, mas que valoriza e intensifica o movimento autojustificado no presente.¹

A fluidez é um aspecto importante da forma de se pensar a natureza do movimento livre na atualidade. Zygmunt Bauman nos convoca a pensar o derretimento das sólidas instituições acusadas de cercear as liberdades individuais e a adesão à mobilidade dos fluidos, que incorpora informações e capitais em suas vias globais de trânsito contínuo. No declínio das sociedades disciplinares, novas forças se instalam e, depois da Segunda Guerra Mundial, se intensificam, sugere Gilles Deleuze (Deleuze, 2008) em *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. Trata-se da implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação, que o autor chamou de sociedade de controle. Nas sociedades disciplinares, prevalece o sistema de confinamento, no qual o indivíduo passa continuamente de um espaço fechado a outro, cada um com suas regras e leis. Os confinamentos são, nesse sentido, moldes, explica Deleuze, e os controles são uma modulação, uma moldagem que se autodeforma, que muda continuamente. O indivíduo que se move por essas máquinas é ondulatório, funciona em órbita, num feixe contínuo.

1 Talvez esse seja um dos caminhos possíveis para explicar a dissonância das vozes que vêm se avolumando nas últimas manifestações de rua. A dificuldade de se unir em torno de um único projeto é superada pelo valor da mobilização compartilhada coletivamente e justificada por si mesma. À juventude pluralisticamente orientada, basta o desejo de estar em movimento e estar junto.

Em um interessante esforço de pensamento, Bauman adverte para a tendência totalizadora dos mecanismos regulatórios que se desenvolvem nos moldes de uma mobilidade líquida, pois, diferentemente das sólidas instituições do regime disciplinar, não expõem suas muralhas aos golpes de uma mobilidade revolucionária; ao contrário, são capazes até de absorvê-las. Os fluidos, observa o autor, têm características que os diferenciam muito dos sólidos: movendo-se facilmente, eles são difíceis de serem contidos, contornam uns obstáculos, dissolvem outros, invadem e inundam. Assim, se a forma atual da mobilidade é a dos fluidos, ela disfarça um terrível paradoxo: esvaecente e inconstante, é, diferentemente dos sólidos, difícil de se conter no espaço e de se fixar no tempo. No entanto, maleável como estado de coisa, é avessa a tentativas de rupturas e capaz de provocar grandes inundações. Assim, uma nova ordem aparentemente inquebrável e altamente penetrante substitui o regime disciplinar das instituições, no qual se desenvolviam as relações sociais tradicionais por uma economia do movimento orientada para o indivíduo que surfa na superfície dos acontecimentos.

Para ser continuamente ativo, no entanto, é preciso mais que aderir ao fluxo de movimento de ondas e correntes. Para viver “em estado de progressão”, averigua Sloterdijk, o indivíduo deve superar todas as condições que reduzem seu movimento, que o paralisam e fixam ou que o fazem perder sua liberdade (Sloterdijk, 2009, p. 5). Vemos o ser humano aprisionado como aquele que tem restringido suas condições de movimentação, seja fisicamente, seja no sentido de alguém que não tem autonomia para agir. A liberdade é compreendida então como liberdade de conduzir seu próprio movimento, ressalta Sloterdijk, e o progresso só é imaginável como o tipo de movimento que nos leva a um grau de mobilidade maior. Da mesma forma, a autodeterminação confunde-se com a automobilização: estar no controle de si mesmo é ter a capacidade de se automotivar e fazer funcionar sua própria engrenagem de ações.

A imagem, cultuada pela visada neoliberal, de autonomia provoca uma espécie de empresarialização dos comportamentos que impulsiona cada indivíduo à autogestão. Conforme pontua Ehrenberg, “hoje, cada um, independentemente de onde venha, deve realizar a façanha de tornar-se alguém por meio de sua própria singularização. Essa exigência implica [...] forjar seu próprio modelo: ser bem sucedido em ser alguém é empreender tornar-se si mesmo” (Ehrenberg, 2010, p. 172). Trata-se, segundo o termo

“capital humano”, resgatado por Michel Foucault em *Nascimento da Biopolítica*, de tomar a si mesmo como um capital, ou seja, como um bem econômico que, valorizado por uma gama de investimentos, pode retornar ao seu proprietário (que se confunde com o próprio capital) na forma de lucro. Esse capital é composto de elementos inatos - Foucault ressalta os fatores hereditários e genéticos -, mas também de elementos adquiridos, como os investimentos educacionais e afetivos familiares. É principalmente no âmbito dos fatores adquiridos (levando-se em conta que a tecnologia atual ainda não permite aos seres humanos sem grandes recursos financeiros, muitos investimentos no campo da genética) que o indivíduo deve concentrar seus esforços em investimentos que possibilitem o incremento de seu capital humano.

Impelido a empresariar a si mesmo em busca da façanha de tornar-se alguém por seu próprio esforço empreendedor, o indivíduo é estimulado a “sair de sua zona de conforto”. “Parar de dar desculpas” e abandonar a passividade é o primeiro passo para galgar novas posições no “mercado”, seja ele de trabalho, amoroso ou social. As revistas e a literatura especializada ensinam, em número contável de passos, como conseguir um novo e construtivo amor, como dar uma guinada na carreira ou como ter um corpo invejável: o primeiro passo é sair da inércia. Pessoas “vitoriosas” ganham espaço na mídia contando seus *cases* de sucesso, como superaram situações de crise e deram “à volta por cima”. E há um exército de consumidores ávidos por esse tipo de aconselhamento que reafirma o esforço individual e deixa cada um por conta própria. Assim, conforme ressalta Bauman, o que as pessoas em busca de conselho precisam (ou acreditam precisar) é um *exemplo* de como outros homens e mulheres, diante de problemas semelhantes, deles se desincubem (Bauman, 2001, p. 78)

Nesse contexto, um termo que esteve bastante em voga nos meios empresariais parece ser bem adequado para a situação atual: a proatividade. Já há alguns anos a qualidade da proatividade entrou para o rol de “diferenciais” que são arduamente buscados por consultores de recursos humanos nos aspirantes a uma função gerencial em seus exaustivos processos seletivos. Trata-se da qualidade individual de alterar o ambiente em que atua, desafiando o “*status quo*”, ou de tomar iniciativas, procurando informações e oportunidades para melhorias. Na literatura especializada, costuma ser pensada em oposição a um padrão mais reativo de comportamento, identificado como aquele de

peças que esperam “passivamente” informações e oportunidades (Crant, 2000, p. 436-437). Apesar de não haver consenso em relação a como se manifesta ou se adquire esse tipo de comportamento (se se trata de um padrão de personalidade ou de uma manifestação conjuntural) (Crant, 2000, p. 437), a proatividade é exaltada como uma determinante crítica do sucesso organizacional à medida que o trabalho se torna mais dinâmico e descentralizado, e, como tal, tem recebido considerável atenção de pesquisas acadêmicas desde os anos de 1950 (Crant, 2000, p. 435). Os aspirantes a cargos no mundo empresarial já sabem disso e tentam mostrar todo o seu potencial de iniciativa e autonomia incrementando seus currículos com projetos extracurriculares e tentando ser mais líderes que os outros concorrentes que também tentam ser os mais líderes nas dinâmicas de grupo dos processos seletivos. Mas, se eles têm menos de trinta anos, não deveriam se preocupar, pois a proatividade é reconhecida, pelos estudiosos da liderança empresarial, como uma característica predominante na chamada Geração Y, composta por pessoas nascidas entre a década de 1980 e meados da década de 1990. Um comportamento frequentemente confrontado com aquele típico da geração anterior a essa: os nascidos entre meados da década de 1960 e final da década de 1970 formam a Geração X, que seria caracterizada por um comportamento mais reativo.

A proatividade não é, portanto apenas uma qualidade valorizada no âmbito do trabalho; é identificada como um sintoma comportamental de toda uma geração que, não por acaso, viveu seus anos de formação nas décadas de crescimento do neoliberalismo. Essa potência proativa buscada e estimulada no indivíduo se conjuga, portanto, aos imperativos sociais de investimento em si mesmo de maneira autônoma, em consonância com a proliferação do espírito empresarial por todos os âmbitos da vida de maneira a torná-la um capital. No lugar de responder a estímulos, o que se espera do indivíduo gestor de si mesmo é que ele se antecipe aos problemas e às oportunidades, tirando o melhor proveito de suas forças, lidando inteligentemente com suas fraquezas², de modo a estar constantemente produzindo, criando, performando o melhor de si mesmo. O processo de mercantilização, portanto, se expandiu e absorveu o corpo, antes docilmente disciplinado.

2 Neste trecho, especificamente, refiro-me ao termo SWOT, também cunhado por Kotler, que reúne as palavras *strengths*, *weaknesses*, *opportunities* e *threats* (forças, fraquezas, oportunidades e ameaças) para propor que as empresas devem realizar análises do ambiente interno (forças e fraquezas) e do ambiente externo (ameaças e oportunidades) a fim de antecipar aos acontecimentos e escolher adequadamente suas ações.

Em uma sociedade na qual o indivíduo também é “vendável”, o corpo deve passar por um longo e sempre atualizável processo de produção, que adicione a este produto “vantagens competitivas” capazes de “posicioná-lo de maneira adequada” em um mercado em constante mutação³.

2. O TEMPO INVARIÁVEL DO FUNCIONAMENTO ININTERRUPTO

Um desejo constante de avançar e produzir, aliado a uma extrema valorização das características da autonomia e da iniciativa individual, são os elementos que dão o tom do imperativo da mobilidade de nosso tempo, fazendo-a autojustificável e autoengendrável. Mas, para que a produção não cesse, é preciso que existam meios disponíveis e acessíveis de torná-la possível pela maior extensão de tempo. Além disso, é preciso que estejamos cada vez mais aptos e interessados em funcionalizá-los constantemente. Assim, a mobilidade ininterrupta de nossos dias relaciona-se fortemente com o surgimento do universo virtual e com a extensão do alcance das tecnologias digitais de conexão. Trata-se da sensação, incrementada por tais dispositivos, de que tudo está em funcionamento e disponível vinte e quatro horas por dia, bem como a exigência ou desejo de estarmos conectados e “funcionando” pelo maior período de tempo possível. Trata-se também da noção de que somos cooptados, como consumidores/produtores, quase que ininterruptamente, inclusive em nossos momentos de lazer e relaxamento.

A emergência do capitalismo relaciona-se com a necessidade de controle do tempo de produção, através do rompimento do vínculo com a terra e com seus ritmos, sujeitos às condições naturais e à organização comunitária. A fábrica é um espaço autônomo, independente, e constitui um tempo próprio, homogêneo, composto de processos ininterruptos (Crary, 2014, p. 72-73). No entanto, ressalta Crary, até quase a metade do século XX ainda remanesciam tempos e lugares não regulados, nos interstícios entre períodos de confinamento nas instituições disciplinares. Essas “camadas de vida não administrada” aconteciam no cotidiano, desde sempre “inseparável de formas cíclicas de

3 Estão sendo utilizados aqui, deliberadamente, termos cunhados por Philip Kotler, o “papa do marketing”, pois são largamente utilizados no meio empresarial. O termo utilizado neste trecho, vantagem competitiva, é entendido como um diferencial que posiciona um produto de maneira vantajosa no mercado, em relação aos seus concorrentes.

repetição, de noites e dias, estações e colheitas, trabalho e festividades, vigília e sono, necessidades humanas e sua satisfação” (Crary, 2014, p. 78). A vida cotidiana parecia ser aquilo que estava fora da organização e da institucionalização, o conjunto de hábitos diários e rotineiros que ainda não haviam sido transformados em algo útil, comportamentos que não estavam ligados à acumulação ou ao desenvolvimento humano.

A partir dos anos 1950, alguns autores começam a descrever a colonização dessas frações de tempo pelo lazer organizado, pelo consumo e pelo espetáculo, bem representada pelo aparecimento da televisão, que impõe uma forma padronizada de fruição das horas de lazer, ao mesmo tempo em que extrai valor dessa atividade ao colocar o indivíduo também na condição de consumidor. Essa colonização culmina, na década de 1980, com a redefinição do indivíduo como um agente econômico em tempo integral (Crary, 2014, p. 80). Novas tecnologias de comunicação estimulam o indivíduo a assumir um papel mais ativo e promovem a expansão da produção e da circulação de informações, reformulando a maneira como ele se relaciona com o mundo. O agente econômico em tempo integral é consumidor permanente de conteúdo, em suas horas de trabalho, estudo ou lazer, e é também fonte de informação para a produção de novos conteúdos.

O resultado do esquema de funcionamento ininterrupto no cotidiano parece o avesso do que um pensamento voltado para o progresso e para a individualidade preconiza: no lugar da mudança, um tempo inflexível, repetitivo e invariável; no lugar da multiplicidade de ideias e desejos, a homogeneização dos objetivos. Se a base de tal engrenagem é um ideal individual projetado a partir de um desejo de constante avanço, as maiores críticas a esse modelo afirmam que tal modo de mobilidade generalizada tem como efeito colateral a uniformização da vida e uma rotina empobrecida de experiências sensíveis e compartilhadas. É verdade que enormes avanços em diferentes áreas foram possíveis devido a esse pensamento voltado para o progresso; no entanto, percebe Peter Sloterdijk, a ideia de uma engrenagem perpétua de mobilidade evidencia um paradoxo. A lógica do mover-se para continuar movendo-se, avançar para continuar avançando, aduz à imagem do autômato, uma operação eternamente *prisoneira* do fardo de se auto-operar e aprimorar. Na arte da automação, agentes humanos não podem ser diferenciados de máquinas inteligentes (Sloterdijk, 2009, p. 07). Objetivamente orientadas para metas que pouco variam de indivíduo para indivíduo, ou que pouco variam na medida em se avança –

sendo apenas talvez mais do mesmo, as ações tornam-se então meras operações e as mudanças se dão no interior de um espaço de previsibilidade.

Nesse contexto, artistas e estudiosos denunciam o empobrecimento da experiência variável. Assim, a exigência de estar constante e produtivamente ativo não evita que proliferem críticas a uma “sociedade de adormecidos”, imagem constante no cinema e outras artes. As referências ao sonambulismo ou aos zumbis denunciam um modo de operar automático, em que a produtividade contínua resulta em apenas mais do mesmo, sem espaço para a irrupção da contingência. Tendo em vista essa contradição entre um estado de mobilidade ininterrupta e a percepção de que seguimos como meros operadores de engrenagens sem variações, o que significa ser ativo nos dias atuais? Em que medida a ação engendrada no interior desse modelo de mobilidade é capaz de produzir efetivamente variações? E por que a valorização da individualidade não parece dar escoamento a modos de existir que escapem aos padrões estabelecidos? Por fim, qual o alcance da liberdade para ser e fazer em nossos dias e quais são os seus limites?

3. A AÇÃO INSTRUMENTAL COMO FORMA DE CONTROLE E O MEDO DO IMPREVISÍVEL

Difícil imaginar que a obra de um filósofo da atualidade tornar-se-ia um *best-seller*; mas o diagnóstico realizado por José Gil acerca da sociedade portuguesa contemporânea, em *Portugal hoje – o medo de existir* tornou-se um sucesso de vendas em Portugal. Talvez seus leitores tentassem buscar ali as respostas para o “angustiado sentimento de vazio” (Ferraz, 2010, p. 87) que persiste, apesar da acumulação de prazeres instantâneos e da intensa mobilidade de seus corpos. Em um ambiente de multiplicidade de experiências ofertadas, a sensação de liberdade parece, muitas vezes, advir da possibilidade de experimentar o máximo de opções possíveis. José Gil ressalta como a constante circulação por entre pequenas coisas, os rápidos investimentos e desinvestimentos, conexões e desconexões típicos da maneira atual de se lidar com uma multiplicidade de ofertas e interesses provocam uma “ilusão de liberdade”, através da qual parece ser possível experimentar um desejar diverso e rico (Gil, 2012, p. 46). O problema, segundo o autor, é que o movimento frenético que leva de uma tarefa a outra, de um empreendimento

a outro, de um pensamento a outro, de um afeto a outro, coloca o indivíduo em um trânsito permanente para parte nenhuma (Gil, 2012, p. 47). Como vimos, os objetivos que orientam nossas ações são continuamente superpostos, superados por outro ainda mais atraente, causando a sensação de não terminar coisa alguma e criando um tipo de engrenagem de perpétua mobilidade, que nunca chega a seu destino final. Assim, se a sensação é de uma continuidade de pequenas inscrições, com seus objetivos, feitos e prazeres provisórios, trata-se, na verdade, de um contínuo de não-inscrição.

Em uma leitura da obra de José Gil, Maria Cristina Franco Ferraz explica que o termo inscrição, na perspectiva psicanalítica, refere-se à “dificuldade crescente de se deixar afetar por outros corpos e eventos, dificultando (ou mesmo inviabilizando) tanto a sedimentação da experiência quando a produção do sentimento de continuidade” (Ferraz, 2010, p. 86). Gil considera que há uma “ilusão” de liberdade e movimento, pois a escala na qual acontecem tais investimentos é pequena e os sentidos extraídos das experiências são também apequenados (Gil, 2012, p. 47). Esses rápidos e diminutos interesses e conexões não provocam efetivas rupturas nos modos de pensar e agir já estandardizados, uma condição que o autor chama de *enclausuramento dos sentidos*, já que eles não se desprendem além das fronteiras já experimentadas. É no interior desse território fechado, já demarcado, que o indivíduo se move plenamente à vontade, sem entraves, cultivando a “ilusão” de um vivido ilimitado (Gil, 2012, p. 48)

Em uma análise genealógica da noção de liberdade, Nikolas Rose (2004) observa que a atual concepção do termo está relacionada ao caráter particular das relações econômicas transacionadas sob os moldes do capitalismo. O valor da liberdade tem ocupado papel central na fundamentação de projetos políticos deste início de século, que representariam a vitória sobre os regimes totalitaristas, moralismos tradicionais e sobre a economia planificada. Adotando uma perspectiva liberal, eles se comprometem com a maximização das liberdades individuais e com a proteção dessa liberdade contra as ações do Estado. O funcionamento do mercado é, ao mesmo tempo, dependente e produtor de um modo de vida baseado na liberdade de produção e consumo, que trata os indivíduos como entidades isoladas em consonância com uma fragmentação e pluralização geral de valores sociais e formas de vida. Assim, na atualidade, a liberdade não é uma luta contra regimes totalitários de poder, mas participa da governabilidade como um modo de organização e

regulação. A liberdade é um instrumento de governabilidade, mas não é uma ilusão. Liberdade como uma certa maneira de administrar a população que depende da capacidade de indivíduos livres. Os sujeitos não livres não podem simplesmente ser colocados livres, eles precisam ser feitos livres em um processo que promova valores empreendedores.

Ferraz relaciona esse movimento ilimitado do corpo no interior de um território já conhecido ao aspecto da fluidez. Ela chama atenção para a relação entre uma mobilidade deslizante e um espaço liso, sem obstáculos e aparentemente sem regras, no qual imprevistos parecem possíveis. A lisura torna-se quase uma obsessão nos dias atuais, uma intensa rejeição a todo tipo de ranhura, fenda, porosidade ou rugosidade que possa tornar áspera uma superfície. A obsessão pelo liso é uma compulsão pelo deslizar, como a mobilidade que se dá em uma superfície sem rugosidades que se interponham ao movimento. O exponencial crescimento das autoestradas nas últimas décadas do século XX é um signo desse desejo crescente pela mobilidade sem interrupções. O sistema francês cresceu de 1125 km no ano de 1970 para 11000 km no ano 2000⁴; e, de 1995 a 2005, a distância percorrida por autoestradas portuguesas cresceu mais de 600%, de 314 km para 2341 km⁵. Tais vias, destinadas ao fluxo livre de tráfego de alta velocidade, não possuem sinais de trânsito, cruzamentos ou acessos a propriedades. Os fluxos de entrada e saída são controlados, sendo permitidos apenas em pontos específicos com trevos e rampas. Não é possível parar na autoestrada; aliás, não há porque parar. O modelo de mobilização de tais vias é o da não aderência, da não inscrição, trata-se de um espaço que estimula a sensação de livre trânsito, mas que impõe um tipo de circulação regulada e padronizada. Assim como automóveis nas autoestradas, os corpos mobilizados sob a lógica da fluidez por superfícies lisas transitam sem entraves exteriores, mas na mesma proporção em que deslizam são desestimulados a manifestar um outro tipo de mobilidade que não se caracterize pelo avanço, pela continuidade e pela velocidade. Nesse contexto, o outro é abolido: as vias de livre trânsito não suportam os desorientados, os hesitantes, os lentos; o espaço, alisado, torna-se o lugar onde nada ocorre, nenhum evento, nenhum imprevisto,

4 Fonte: Senna, Luis Afonso dos Santos & Michel, Fernando Dutra. **Rodovias auto-sustentadas**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: CLA Editora, 2007.

5 Fonte: Pereira, Raquel Susana da Costa. **Convergência vs divergência na União Europeia: os casos da região Norte de Portugal e da Gliza em Espanha**. Tese de doutoramento. Universidade de Santiago de Compostela, 2009.

apenas a intensificação do próprio movimento.

Assim, se sob a lógica de pulverização e globalização do mercado houve uma conquista de flexibilidade para experimentar o novo – novos produtos, novas tecnologias, novos paradigmas, novos hábitos –, a liberdade para navegar ao vento dos acontecimentos ainda está longe de se realizar, afirma Suely Rolnik (2015). Isso porque a abertura para o novo não envolve necessariamente abertura para o estranho, completa (Rolnik, 2015, p. 2). A diversificação dos interesses individuais tem relação com o desejo de autenticidade, um modo de subjetivação que tem funcionado como um imperativo: assumir a própria diferença deixou de ser apenas uma sugestão para uma vida mais tranquila e tornou-se uma palavra de ordem estimulada pela cultura do consumo. O desejo de ser autêntico foi cooptado pelo mercado e as singularidades são constantemente organizadas em modelos posteriormente postos à venda. Assim, apesar de estar em alta, a criação individual e coletiva não aciona novas maneiras de viver ou engendrar mundos possíveis, pois é permanentemente inserida na mesma lógica de produção de mercadoria que transforma os modos de ser e fazer em objetos de consumo prontos e descartáveis. A esses produtos Rolnik (2015) dá o nome de *kits de perfis padrão* ou *perfis prêt-à-porter*. Demandas individuais e coletivas legítimas, como hábitos mais saudáveis, conservação ambiental, inserção tecnológica e até posicionamento político, por exemplo, são capturados pelo capital e retornam à sociedade como uma série de produtos que serão consumidos sob o pretexto da adoção de um *estilo de vida*⁶. Esses conjuntos não se resumem a roupas, acessórios, alimentos e outros bens, mas contêm orientações sobre onde ir, como se divertir, onde buscar informações, o que desejar, o que pensar, como se relacionar. Guias, blogs e celebridades do mundo virtual em suas páginas de mídias sociais proliferam na internet como verdadeiros manuais com orientações para cada perfil. Tais estilos de vida independem de contexto geográfico, nacional, cultural, e suplantam as identidades locais

6 Segundo João Freire Filho (2003, p. 73), o emprego da noção de estilo de vida tanto na Sociologia quanto na Comunicação tem relação com a disseminação da cultura do consumo, sendo, para o primeiro campo, “ferramenta heurística para investigar o processo mediante o qual diferenças nas preferências culturais se tornam funcionais socialmente” e, na segunda área, como tentativa de “definir segmentos de mercado numa maneira mais refinada do que aquela oferecida pelos levantamentos demográficos”). Aqui, nos parece pertinente a definição apresentada pelo autor, que descreve, em linhas gerais, o estilo de vida como um reflexo da “sensibilidade (ou a “atitude”) revelada pelo indivíduo na escolha de certas mercadorias e certos padrões de consumo e na articulação desses recursos culturais como modo de expressão pessoal e distinção social”.

fixas, dando lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade (Rolnik, p. 1)

A crítica à massificação e a vontade de singularização, na segunda metade do século XX, possibilitaram a transformação da produção, que deixou de ser orientada para a criação de mercadorias padronizadas e investiu na criação de objetos autênticos ou customizados. Assim, o mercado conseguiu transformar em lucro não apenas necessidades, mas os “modos de expressão pessoal e distinção social”, transformando-os em estilos de vida. Essa seria a maior inventividade do capitalismo nos últimos anos, afirma Petar Pál Pelbart: a mercantilização da diferença e da originalidade (Pelbart, 2011, p. 104). Tal qual os objetivos que nos fazem querer progredir, um novo produto é facilmente superado por outro, ainda mais atual, melhor e mais autêntico. Se vivemos um momento de grande valorização da força de invenção, sua captura e transformação em ofertas de mercado faz com que o produto final seja dissociado de seu processo. O estilo de vida torna-se uma fantasia que se veste e troca de acordo com a conveniência ou com a moda. Nesse contexto, Bauman pergunta: quão ampla é a gama de experimentação desses compradores? A liberdade para ser é fundada, afinal, nas escolhas do indivíduo como consumidor, portanto não funciona sem os dispositivos disponíveis no mercado (Bauman, 2001, p.99) Freire Filho ressalta que, ao organizar simbolicamente o número crescente de mercadorias disponíveis e reduzir a pluralidade das escolhas, os projetos de estilo de vida funcionam como uma espécie de mecanismo de defesa dos indivíduos. Isso porque envolvem um conjunto de hábitos e orientações que conferem unidade ao que parece extremamente transitório e superficial, aspecto importante para uma sensação de “segurança ontológica” (Freire Filho, 2003, p. 74). O autor sintetiza:

Os estilos de vida constituem, em resumo, uma forma por intermédio da qual o pluralismo da identidade pós-moderna é administrado pelos indivíduos e organizado (e explorado) pelo comércio. Para os sujeitos que não podem mais se apoiar na estabilidade oferecida pelos modos de vida tradicionais, comunitários, o estilo de vida funciona, inegavelmente, como uma (precária) âncora identitária. (2003, p. 74)

Assim, o mercado homogeniza a força criadora da diferença, tornando-se o espaço liso pelo qual indivíduos ávidos por sentirem-se autênticos fluem sem sobressaltos, escolhendo provisoriamente as metas e prazeres que mais os atraem.

A adoção de estilos de vida propostos pelo mercado é mais um item das escolhas que tornam o indivíduo responsável por seu próprio destino. Elas nunca são definitivas; é preciso ser móvel, pois as oportunidades e opções são diversas. Freire Filho ressalta a variedade de recursos materiais e simbólicos que permitem que qualquer pessoa possa, em tese, trocar de estilo de vida, ao mudar de uma vitrine, um canal de televisão, uma prateleira de supermercado para outra (Freire Filho, 2003, p. 74). Assim percebe-se que a decisão ou a escolha são modos fundamentais de agir na cultura da gestão de si; porém, apesar de aparentemente fundadas no desejo individual, estão continuamente submetidas a processos de adequação a projetos e modos de vida valorizados socialmente. Assim, por exemplo, não se pode desvincular a crescente opção pela adoção de um estilo de vida saudável da força moralizante do discurso da autogestão da saúde e da boa forma. Além disso, a opção de escolha reforça o sentido da autonomia, que prevê que as orientações e meios estejam sempre disponíveis no mercado, bastando a cada um, por livre decisão e motivação, passar à ação.

O espírito empresarial de gestão impregnado em vários campos da vida nos coloca em uma posição na qual somos, quase todo o tempo, instados a tomar decisões e atitudes dentro de um rol de possíveis que permitam a consecução de objetivos específicos no interior de um planejamento (de curto ou longo prazo) que devemos ter em mente. Há uma concepção específica de ação sendo elaborada no interior dessa cultura da gestão de si. A partir de uma noção de sujeito como o ente que age, a ação aparece como o movimento que visa a atingir um objetivo. Essa lógica instrumentalizadora da ação permeia nosso cotidiano quase sem dar tréguas. No entanto, por mais que pareça inquestionável que uma ação é sempre iniciada em vias de atingir uma meta, esta não é sua única forma. Segundo Giorgio Agambem, há três tipos de ação: o agir, o fazer e o gesto. Enquanto o fazer é um meio destinado a um fim, o agir é o fim em si mesmo, ou seja, uma finalidade sem meios. Já o gesto é um terceiro gênero de ação que rompe com “a falsa alternativa entre fins e meios” (Agambem, 2008, p. 13): é a exibição de uma medialidade pura, o tornar visível um meio como tal (Agambem, 2008, p. 13), como o gesto da dança. Estamos constantemente variando entre o fazer e agir sem abertura para o novo que emerge do gesto, sem destituir a ação de sua usual relação com a finalidade, que seria a única forma de abri-la ao imprevisível.

Esse hiperestímulo à ação como realização de metas desenvolvido no interior de uma lógica empresarial de gestão de si tem gerado diversos problemas. Um deles é o medo do desconhecido. Alain Ehrenberg (2010, p. 143). detecta, por exemplo, que a massificação do consumo de medicamentos psicotrópicos tem estreita ligação com esse fenômeno. Ao contrário das drogas tradicionais, que permitem a fuga para uma irrealidade, tais medicamentos ajudam o indivíduo a enfrentar a realidade, a colocar-se em pé de igualdade com o outro, tal qual a dopagem esportiva, reforçando capacidades corporais e psicológicas para melhor enfrentar a competição. Aliás, ele ressalta que a vida mesma é tratada como um esporte profissional, “impulsionando mais a ganhar do que a participar”, ou seja, mais ao objetivo da ação do que a sua medialidade (Ehrenberg, 2010, p. 156). São o que o autor chama de drogas de integração social e relacional que servem para que essa inserção no mundo se dê sem o abandono do abrigo privado: “é uma maneira de se engajar no mundo sem se expor nisso, uma vontade de presença que se exerce na ausência, na qual não é presença senão na forma de imagem pessoal” (Ehrenberg, 2010, p. 168). Ao lado do culto à autonomia e sua conseqüente aversão à dependência, desenvolve-se um contínuo temor ao desconhecido. O indivíduo, nesse contexto, se esquivava de toda imprevisibilidade, inclusive de sua própria: ausenta-se da presença do outro, expondo-se apenas como imagem previamente composta, performando a si mesmo como um projeto bem-sucedido.

Um exemplo interessante desse temor ao imprevisível é analisado pelos filósofos Alain Badiou e Nicolas Truong (2013). Eles detectaram que até o amor, em nossos dias, tem deixado de ser uma aventura. Pesquisando os sites de relacionamentos, observam que tais ferramentas se propõem a encontrar um amor tão bem previamente selecionado para o indivíduo que não haveria a possibilidade de dar errado. É isso que vendem os slogans publicitários de tais sites: um amor sem acaso, sem risco, sem tombos⁷. A mesma fórmula utilizada pelo famoso aplicativo *Tinder*, que indica, em determinado raio de proximidade, aquelas pessoas que teriam um perfil adequado aos seus gostos para o início de uma conversa interessada. Além de tentar diminuir as possibilidades de fracasso de uma aproximação ao acaso, o que esse aplicativo propõe é uma otimização do investimento. Para que perder tempo com pessoas de perfil inadequado? No lugar da

7 Badiou e Truong exemplificam com alguns slogans franceses do site de relacionamentos Meetic: “Tenha o amor sem ter o acaso”, “Você pode amar sem cair de amores”, “É perfeitamente possível amar sem sofrer!” (Badiou e Truong, 2013, p. 11)

imprevisibilidade de uma relação iniciada ao acaso, o *Tinder* é uma ferramenta para aqueles que não pretendem desviar de seu foco, para aqueles que não querem ser vítimas do inesperado.

Curioso é notar que, apesar do temor à imprevisibilidade, a ideia de assumir riscos é constantemente invocada nos manuais de sucesso do indivíduo empreendedor do século XXI. No entanto, afirmam Badiou e Truong (2013), o risco é sempre calculado. Arriscar-se, para o espírito empreendedor, é tomar uma atitude ousada, é optar pela ação que poderá dar mais retorno, mas que poderá também causar os maiores estragos, caso falhe. É o tipo de escolha que só se pode fazer em um universo de consequências previsíveis, no qual é possível calcular possíveis ganhos e possíveis perdas e optar se o investimento vale o risco. Arriscar-se, para o indivíduo autônomo de hoje, é única e exclusivamente função de sua capacidade de antecipar o futuro e agir sem medo de fracassar, assumindo possíveis erros como sua responsabilidade e acertos como vitória pessoal. Em umas das perspectivas de ação definidas por Agambem, na qual há sempre um objetivo a orientar o agir, só há espaço para o acerto ou o erro, a conquista ou o falha, a vitória ou o fracasso. O risco calculado insere-se nessa equação. Por outro lado, quando ignoramos objetivos e não fazemos previsões de perdas e ganhos, abrimos finalmente caminho para o risco do imprevisível, cenário no qual não há vitória ou fracasso, apenas acontecimentos.

O problema da imprevisibilidade é que ela nos coloca diante do que nos parece à maior ameaça a nossa liberdade: a “influência” do outro em nossas vidas. Junto ao crescimento da produção industrial, como vimos, surgiu uma temporalidade mensurável e controlável, que se contrapunha à dependência que as sociedades tradicionais tinham em relação aos ciclos da natureza. A industrialização agropecuária e a tecnologia que a viabiliza, como a criação de materiais geneticamente modificados com qualidades mais valorizadas ou resistentes a condições adversas, buscam impor um ritmo próprio à produção, superando a “influência” e imprevisibilidade das condições naturais nos processos de vida. Não importa se os “outros” são as outras pessoas com as quais nos relacionamos ou a própria natureza: é preciso neutralizar seus efeitos sobre nossa mobilidade para que tenhamos controle dos riscos assumidos. Nossa atual aversão à dependência é, portanto, também aversão a qualquer coisa que possa impedir ou dificultar

nossa mobilidade autodeterminada.

Ser ativo hoje significa, assim, estar constantemente, de maneira automotivada, na direção da realização de objetivos, nem sempre estáveis ou definitivos, mas, ao contrário, certamente superáveis por outros. A ação nesse contexto é como identificou Agamben, uma maneira de agir com uma finalidade, na qual interessa menos o processo e sua medialidade e mais as metas a serem alcançadas. Essa concepção da ação deixa pouco espaço para resultados diferentes de positivo ou negativo: quando há um objetivo a ser atingido, trata-se apenas de ganhar ou de perder. Nesse contexto, o risco, no sentido de se optar por metas ousadas, é incentivado, mas é preciso calculá-lo e levar em conta as chances de falha e as perdas decorrentes. É preciso estar no controle. É assim que a imprevisibilidade e tudo aquilo que tende a inibir a ação e o domínio sobre ela tendem a ser descartados. A dependência e a condição de ser afetado pelo mundo são cada vez menos valorizadas pelo indivíduo autogestor, em sua ânsia e crença em dominar sua própria mobilidade. A ação engendrada no interior desse modelo, apesar de promover a autonomia e a individualidade, parece produzir poucas variações, pois está constantemente submetida a padrões de valoração e aceitação promovidos pelo mercado, restringindo a potência de liberdade e do jogo do acaso.

Dentro de um espírito empresarial que nos convoca à ação constante, não como gesto mas como fazer e agir, vemos o mundo a partir de uma lógica instrumentalizante na qual é preciso tomar a atitude certa para atingir objetivos mensuráveis e preestabelecidos. Não que projetos de vida não sejam úteis, mas, claro, são apenas úteis. Há algo a ser buscado também fora do universo da utilidade. O que nos parece plena ação produtiva é apenas reação ao que o mundo espera de nós: indivíduos criativos e aparentemente autônomos que arregaçam suas mangas em busca de metas infinitas de carreira, de consumo, de beleza, de saúde, de relacionamentos, mas inseguros demais para se arriscar naquilo que foge ao espectro calculado de tais objetivos. Arriscar-se aqui não se diz respeito a traçar objetivos ainda mais ousados; trata-se, ao contrário, de não traçar meta alguma, de dar-se à ação apenas pelo gosto, apenas pelo sentir, pelo vivenciar puro e simples.

WHAT IS TO BE ACTIVE TODAY? UNINTERRUPTED MOBILITY, FREEDOM AND RISK

ABSTRACT: The spread of business mentality leads us to assume the condition of continuously active and independent individuals (or proactive), able to competently manage our own lives. Given this context, the aim of this paper is to investigate what it means to be active at present and what the conception of action and what kind of freedom experience are manifested from this perspective. From texts of critical authors of the contemporary condition, we seek answers to such questions, and concluded that mobility has become a “self-igniting” process in which the most important is the continuous progression toward ever surmountable goals. The instrumented action becomes the axis on which the activity is implemented, pushing the unpredictability of the horizon and replacing the unexpected for the project.

KEYWORDS: Activity. Freedom. Risk.

REFERÊNCIAS

Agamben, Giorgio (2008). Notas sobre o gesto. **Revista Artefilosofia**. Ouro Preto, n. 4, p. 9-14, jan.

Badiou, Alain & Truong, Nicolas (2013). **Elogio ao amor**. São Paulo: Martins Fontes.

Bauman, Zygmunt (2001). **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,.

Crant, J. Michael (2000). Proactive Behavior in Organizations. **Journal of Management**, Vol. 26, No. 3, 435–462

Crary, Jonathan (2014). **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify.

Deleuze, Gilles (2008). **Conversações**. São Paulo: Ed. 34.

Ehrenberg, Alain (2010). **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida, SP: Ideias e Letras.

Ferraz, Maria Cristina Franco (2014). Avaliação e performance: a era do homem avaliado. **XXIII Encontro Anual da Compós**, na Universidade Federal do Pará, Belém, maio de 2014.

_____(2010) **Homo deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI**. Rio de Janeiro: Garamond.

Freire Filho, João (2003). **Mídia, consumo cultural e estilos de vida na pós-modernidade**.

In: **Revista Eco-pós**, v. 6, n.1, jan-jul, p.72-97.

Foucault, Michel (2008). **Nascimento da biolítica**. São Paulo: Martins Editora.

Gil, José (2012). **Portugal, hoje: o medo de existir**. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Kotler, Philip (2000). **Administração de marketing**. São Paulo: Prentice Hall

Pelbart, Peter Pal (2011). **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras.

Rolnik, Sueli (2015). **Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm> . Acesso em: 18/01/2015.

Rose, Nikolas (2004). **Powers of freedom: reframing political thought**. UK: Cambridge University Press.

Sloterdijk, Peter (2009). **Mobilization of the planet from the spirit of self-intensification**. In: Lepecki, Andre. Joy, Jenn. (ed.) *Planes of composition: dance, theory and the global*. Calcuta: Seagull Books.